

## **PIBID Educação do Campo: Impactos e Contribuições para a Formação Docente**

**Isabel Alves Simão**  
**Graduanda em Pedagogia/Faculdade de Educação/UFU**  
**Bolsista do PIBID/Educação do Campo**

**Prof. Dr. Antônio Cláudio Moreira Costa**  
**Faculdade de Educação/UFU**  
**Orientador**

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), Subprojeto Educação do Campo é um programa da Capes que em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia - MG, que busca proporcionar aos alunos de licenciatura um aprendizado teórico-prático diretamente ligado à realidade das escolas do Campo. O subprojeto em tela busca propiciar aos alunos uma perspectiva de trabalho pedagógico que dialogue com as reais demandas das comunidades onde as escolas do campo estão inseridas.

É através do subprojeto educação do campo que a maioria dos integrantes do grupo está tendo a oportunidade de discutir essa temática, uma vez que a mesma não está pautada nos currículos das licenciaturas. Por ser um tema novo para a maioria, antes de iniciarmos nossa imersão nas escolas rurais passamos por um processo de formação pautado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica do Campo e em diversos autores que discutem a temática da educação do campo, entre os quais destacamos: CALDART; FERNANDES; MOLINA; KOLING; ARROYO... As reflexões sobre as perspectivas de educação do campo apresentadas nesses textos possibilitaram ao grupo compreender melhor o nosso objeto de estudo e também nos levou a reflexão sobre como desenvolver um trabalho socialmente útil nas escolas do campo; possibilitou observar o campo não como um lugar atrasado e pobre, mas com um lugar rico e diverso, produtor de culturas. Além disso, nos levou a uma reflexão sobre a nossa formação e percebemos o quanto é falha dentro da universidade quanto se trata dessa temática.

Com este projeto estamos unindo os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade, com uma práxis educativa comprometida com a melhoria da aprendizagem dos alunos e da própria comunidade; somos um grupo de 16 integrantes divididos em duas escolas rurais, nas quais recebemos o apoio de uma supervisora em cada escola. Idealizamos e confeccionamos varias atividades destinadas aos alunos destas escolas e algumas a seus pais e a comunidade escolar em geral, nas quais visamos

despertar o interesse deste público em vários assuntos relacionados ao meio ambiente, cidadania, cuidados com higiene, alimentação e saúde, leitura, atividades lúdicas, etc. Indo a escola todas as semanas, podemos detectar fatores como: dificuldade de leitura e escrita por parte dos alunos, relatos de poucos eventos de lazer com/sem a família, vontade de ir morar na cidade devido a fatores variados, muita curiosidade e interesse para com as tecnologias, etc.

A partir desse subprojeto, podemos não só estudar as especificidades da educação do campo indicadas nos materiais de apoio, mas podemos também colocar em prática várias atividades e avaliar qual o impacto das mesmas no conteúdo ensinado nas duas escolas e em nosso aprendizado.

### **O primeiro contato com a escola**

Nosso primeiro contato com a escola do campo foi através de uma visita técnica guiada pela supervisora, onde observamos vários pontos, dentre eles: a estrutura física da escola, quantos alunos, qual a faixa etária, o projeto político pedagógico, os horários de funcionamento da escola, a quantidade de profissionais atuando na escola e sua receptividade para com o nosso grupo. Observamos também, o que há nos arredores da escola que poderia ser utilizado de forma didático-pedagógico para o ensino dos alunos e quais as possibilidades de novas construções ou aproveitamento dos espaços existentes e sem uso.

Durante essa primeira visita, combinamos uma reunião com os professores. A fim de divulgar o que era nosso projeto, quais as nossas intenções e também para ouvir os professores. Em uma escola isso foi possível dentro do planejado, na outra tivemos que remarcar várias vezes, devido a vários problemas, tais como o calendário escolar (férias, dia da família na escola, provas, etc), o transporte não aparecia pra levar a gente até a escola na data prevista, tínhamos outras atividades marcadas, etc.

Mesmo sem a reunião com os professores em uma das escolas, o grupo agora subdividido em dois grupos menores, planejaram atividades para serem desenvolvidas nas escolas através do que havíamos constatado durante nossa observação e também pelo que as supervisoras já haviam indicado pra nós, a fim de promover nossa aproximação com os alunos e até mesmo com os outros funcionários da escola.

Dentre as atividades planejadas e desenvolvidas (vou citar apenas as que trabalhamos na escola Sobradinho) temos: roda de conversa com os alunos do sexto ano para entender e conhecer um pouco mais sobre a realidade em que eles estão inseridos e quais as expectativas dos mesmos em relação à escola e ao seu futuro enquanto cidadão; produção de texto com o tema “um dia no lugar onde moro”, o qual teve a participação de 40 alunos (6ºA e 6ºB) sendo 6 textos escolhidos e premiados; a gincana de garrafa pet, que teve a participação de toda a escola, recolhemos aproximadamente 100 unidades e premiamos a sala que nos entregou mais (6ªA) e as oficinas do dia da família na escola (culinária, caixinhas, garrafa pet e teatro) nas quais utilizamos os textos e as garrafas em atividades para os alunos e seus familiares, com a intenção de dar destaque aos trabalhos produzidos pelos alunos.

### **Dia da Família na escola**

O dia da família na escola é uma atividade realizada a cada semestre pela escola e tem como objetivo aproximar a escola da comunidade através de atividades que os levem a refletir sobre o processo de educação vivenciado pelos alunos. Geralmente essa era uma atividade realizada pela equipe de professores; a ideia do grupo desenvolver alguma atividade na escola para a comunidade neste dia partiu da supervisora. Ela nos contou sobre este evento agendado no calendário letivo e que esta poderia ser uma ótima oportunidade de termos contato não só com os alunos, mas com seus familiares. Gostamos da sugestão e começamos a recolher as ideias de possíveis atividades. Analisamos as propostas e elegemos aquelas que tínhamos condições de desenvolver, quando digo condições me refiro aos materiais disponíveis, aos gastos financeiros e o possível interesse dos participantes (relevância do tema). Dentre as indicações temáticas, escolhemos quatro: a oficina de caixinha de leite, a de garrafa pet, a de teatro e a de culinária. Em cada uma, procuramos desenvolver atividades e utilizar materiais que os participantes tivessem acesso em casa e que não tivessem grandes custos ou utilização de materiais fora do contexto em que eles vivem.

Para arrecadar os materiais pedimos a participação dos alunos e da escola. As garrafas pets foram arrecadadas e disponibilizadas pelos alunos da instituição, que também produziram os textos para a oficina de teatro; as caixinhas de leite a escola forneceu e as receitas, buscamos na internet, pois pedimos aos alunos e funcionários da

escola e não tivemos o retorno. Em todas as oficinas, confeccionamos objetos uteis ao dia-a-dia de quem lida com alimentos, plantas e pessoas, de maneira a despertar o interesse dos participantes.

Com as garrafas pet, elaboramos um vaso de plantas e um regrador. Com as caixinhas de leite, caixas para guardar objetos ou presentes, com as receitas um caderninho de receitas e dicas culinárias para reaproveitamento de alimentos e restos de alimentos (cascas, talo e etc) e orientações de higiene para com estes materiais e por fim, na oficina de teatro utilizamos os textos dos alunos para tentar aproximar afetivamente os participantes, visto que nos textos por eles produzidos é possível perceber uma relativa carência afetiva ou necessidade de mais atenção por parte dos pais/responsáveis.

Fiquei responsável pela oficina de caixas de leite, levei prontas no dia alguns modelos variados, com cores e detalhes diversos a fim de chamar a atenção dos participantes. A principio, estava relativamente apreensiva com a oficina, pois iria dar aula para pessoas de varias idades em uma mesma turma, com o tempo cronometrado (40min) e materiais (cola e tesoura) em quantidade menor do que eu precisava.

De repetente a sala começou a encher de crianças e adultos, cada um com uma expectativa diferente e eu muito ansiosa. Apresentei-me e comecei explicando o que era o PIBID e porque estava ali e que juntamente com meu grupo desenvolveria mais algumas atividades na escola ao longo do ano e que gostaria da colaboração deles. Eles fizeram algumas perguntas, tentei responde-las da melhor maneira possível; Não havendo mais perguntas por parte do grupo comecei a explicar o que era a oficina, o que faríamos nela e quais as possibilidades de variação daquilo que eu lhes apresentava. Cada participante com sua caixa de leite começou a recortar os papeis, escolher os enfeites e perguntar qual a melhor maneira de colar o papel ou fazer aquele recorte em tal lugar, como ficaria se fizesse de tal jeito e por ai foi. Nesta “altura” minha ansiedade já havia passado, pois percebi que os participantes estavam interessados e desenvolvendo a atividade, claro que com um pouco de conversa e movimentação para emprestar o material para os outros colegas, mas nada que atrapalhasse o desenvolvimento desta atividade ou das outras que aconteciam na escola.

Com o tempo se esgotando, percebi que os participantes já estavam terminando a atividade e que estavam todos rindo, compartilhando os materiais e comentando qual

caixinha tinha ficado mais bonita. Os participantes que foram terminando, se retiraram da sala, percebi que estes eram os mais jovens e que tinham um pouco mais de habilidade com tesoura, papel e cola. Os que ficaram para traz foram àqueles participantes um pouco mais velhos e com algumas dificuldades com trabalhos manuais por não terem costume de fazer este tipo de atividade ou por que os materiais disponíveis eram poucos para atender toda a turma ao mesmo tempo. Fiquei conversando com eles, que se resumiam em um grupo de seis pessoas e perguntei se haviam gostado da atividade, ouvi que sim, mas ainda fiquei insegura, pois era a primeira vez que eu dava uma aula.

Na semana seguinte que fomos à escola, fizemos a avaliação das oficinas do “dia da família”. Pelos comentários dos meus colegas, dos alunos na hora do recreio e dos funcionários da escola que estavam presentes no evento, entendemos que fomos bem, para uma primeira aula com participantes tão distintos. Percebemos algumas falhas, sugerimos algumas mudanças e chegamos à conclusão que apesar das dificuldades e das inseguranças conseguimos contato com a comunidade escolar de maneira não invasiva e que isso poderia culminar em mais atividades e com mais participantes da comunidade.

A atividade acima relatada, sem dúvida alguma, uma atividade que trouxe grandes aprendizados a todos os envolvidos, principalmente a nós licenciandos da UFU, que tivemos a oportunidade de vivenciarmos um trabalho educativo em todas as suas etapas: planejamento, elaboração/desenvolvimento e avaliação do processo. Estar envolvido em um processo educativo em todas as suas etapas, torna a relação pedagógica mais humana, pois os mediadores da aprendizagem não são meros executores de atividades prontas, e os aprendizes não se limitam a condição de objeto do conhecimento. Em uma atividade como esta todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo.

Não há dúvidas do quanto este subprojeto é importante em nossa formação, tanto para nós integrantes do grupo quanto para os vários sujeitos atingidos diretamente e indiretamente com nossos estudos e atividades. Em sala de aula trazemos relatos do que vivemos nas escolas contribuindo assim com o aprendizado de nossos companheiros que não vivenciam esta temática, contribuimos para o enriquecendo do debate em sala da aula e instigamos nossos colegas a conhecer mais sobre a temática. Buscamos pesquisas e materiais que discutam essa temática, a fim de melhorar as atividades que

desenvolvemos nas escolas e também para enriquecer nossos estudos e que possam contribuir para nossa formação.

### **Impactos e contribuições do PIBID educação do Campo para a formação docente.**

Os impactos podem ser tanto positivos, quanto negativos, portanto é imprescindível considerar essa perspectiva. O impacto inicial deste projeto pode ser verificado na própria universidade, uma vez que ele trás a tona uma discussão que é negligenciada nos cursos de licenciatura; além disso, o projeto apresenta demandas específicas que acaba provocando um repensar coletivo das especificidades de um projeto que se propõe atuar na educação do campo.

Outro impacto que merece ser destacado é que o projeto é interdisciplinar envolvendo alunos de diversas licenciaturas; a maioria dos alunos não tinha compreensão do que significa uma educação do campo e com o processo formativo desencadeado pelo subprojeto esses alunos passaram a dominar a temática e podem atuar como facilitadores/mediadores da discussão com seus colegas de turma ou em eventos específicos que tratam da temática. Portanto, o impacto maior a ser considerado, no momento, é na formação dos alunos, pois possibilita o estreitamento da relação teoria-prática de forma significativa e formativa, além de possibilitar a todos uma compreensão maior da questão educacional do campo, que envolve diferentes sujeitos e diferentes culturas (índios, quilombolas, caiçaras, extrativistas, sem terras, trabalhadores rurais...).

No que se refere à educação básica, o impacto direto está na possibilidade de estreitar o diálogo da universidade com as escolas participantes por meio do envolvimento das duas supervisoras que, além de professoras fazem parte da equipe gestora. De acordo com uma das supervisoras, os estudos desenvolvidos no subprojeto têm contribuído com sua formação continuada e, principalmente, com a reflexão efetiva de aspectos que possibilitam uma reflexão sobre a necessidade de construir uma proposta pedagógica específica para as escolas rurais.

Para os licenciandos, o projeto contribui para o aprimoramento da formação pelo fato de ser de qualidade em relação ao ensino e ao conteúdo do que é discutido, ele proporciona conhecimento e prática da realidade do âmbito escolar tornando os bolsistas mais críticos, reflexivos e autônomos para atuar dentro da escola.

Nesse primeiro momento, é possível afirmar que o subprojeto Educação do Campo, de forma específica, e o PIBID de maneira geral, têm contribuído com a formação continuada de todos os envolvidos no processo pedagógico (coordenador, supervisoras e alunos), pois a medida que compreenderem, com maior clareza e posicionamento crítico a relação teoria-prática, terão maiores probabilidades de se constituírem como agentes de transformação de uma realidade educativa marcada historicamente pela exclusão.

## **Conclusão**

O subprojeto de Educação Popular com ênfase em Educação do campo trás à Universidade uma reflexão e uma discussão sobre a realidade dos povos do campo (índios, quilombolas, extrativistas, sem terras, comunidades ribeirinhas, trabalhadores rurais...). Sob nosso ponto de vista, pautar essa temática é de extrema relevância ao processo de formação dos alunos das licenciaturas. A temática da educação do campo não está contemplada na estrutura curricular dos cursos de licenciatura, logo fica evidente que os alunos que estão participando do subprojeto em tela, estão vivenciando um processo educativo/formativo impar e sem dúvida nenhuma terão condições de desenvolver uma práxis pedagógica coerente com as demandas das escolas que futuramente irão atuar.

Acreditamos que a universidade pública tem o compromisso de criar estratégias pedagógicas para intervir na realidade das escolas rurais e periféricas, que historicamente são marginalizadas e relegadas ao segundo plano pelas políticas públicas. O PIBID tem dado um passo importante na formação dos licenciandos, pois busca aproximar ainda mais a universidade da sociedade em que ela está inserida.

Temos fomentado ainda, diálogos entre profissionais em formação (alunos bolsistas), em atuação (professores) e universidade no sentido conscientizar todos sobre a necessidade de buscar formas alternativas e organizativas que possam auxiliar na construção de uma escola que seja de fato educadora das classes populares. Para isso defendemos como proposta para a formação dos alunos licenciandos, um processo de problematização e reflexão da organização do trabalho pedagógico das escolas de forma significativa e comprometida com uma educação libertadora, que de fato eduque, conscientize e liberte os educandos das amarras da alienação.

## Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel Gonzalez. A educação básica e o movimento social do campo. In: : KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Saete (Org.). **Educação do Campo: identidade e Políticas Públicas**. Brasília: Articulação nacional por uma educação básica do campo, 2002. (Coleção por uma Educação do Campo, nº 4)

COSTA, Maria Simone Ferraz Pereira Moreira. **Função Social da Escola Burguesa: revisitando conceitos**. In\_ Avaliação Institucional no Ensino Fundamental: a participação dos estudantes. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. . São Paulo: Paz e Terra, 1996

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Saete (Org.). **Educação do Campo: identidade e Políticas Públicas**. Brasília: Articulação nacional por uma educação básica do campo, 2002. (Coleção por uma Educação do Campo, nº 4)

CALDART, Roseli Saete. A escola do campo em Movimento. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Saete (Org.). **Educação do Campo: identidade e Políticas Públicas**. Brasília: Articulação nacional por uma educação básica do campo, 2002. (Coleção por uma Educação do Campo, nº 4)

CALDART, Roseli Saete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Saete (Org.). **Educação do Campo: identidade e Políticas Públicas**. Brasília: Articulação nacional por uma educação básica do campo, 2002. (Coleção por uma Educação do Campo, nº 4)

FERNANDES, Bernardo Mançano. Diretrizes de uma caminhada. . In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Saete (Org.). **Educação do Campo: identidade e Políticas Públicas**. Brasília: Articulação nacional por uma educação básica do campo, 2002. (Coleção por uma Educação do Campo, nº 4)

IASI . Mauro. **Processo de consciência**. São Paulo: CPV, 1999.

PAULA, Benjamin Xavier. **Das teorias racistas as diásporas africanas: o negro na sociedade brasileira**.



**Resumo:**

**PIBID Educação do Campo: Impactos e Contribuições para a Formação Docente**

**Isabel Alves Simão**  
**Graduanda em Pedagogia/Faculdade de Educação/UFU**  
**Bolsista do PIBID/Educação do Campo**

**Prof. Dr. Antônio Cláudio Moreira Costa**  
**Faculdade de Educação/UFU**  
**Orientador**

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), Subprojeto Educação do Campo é um programa da Capes que em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia - MG, busca proporcionar aos alunos de licenciatura um aprendizado teórico-prático diretamente ligado à realidade das escolas do Campo. O subprojeto em tela busca propiciar aos alunos uma perspectiva de trabalho pedagógico que dialogue com as reais demandas das comunidades onde as escolas do campo estão inseridas.

Com este projeto estamos unindo os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade, com uma práxis educativa comprometida com a melhoria da aprendizagem dos alunos e da própria comunidade. Somos um grupo de 16 integrantes divididos em duas escolas rurais, nas quais recebemos o apoio de uma supervisora em cada escola. Idealizamos e confeccionamos varias atividades destinadas aos alunos destas escolas e algumas a seus pais e a comunidade escolar em geral.

Nosso primeiro contato com a escola do campo foi através de uma visita técnica guiada pela supervisora. Durante essa primeira visita, combinamos uma reunião com os professores para divulgar o que era nosso projeto. Planejamos e desenvolvemos algumas atividades, dentre elas: roda de conversa com os alunos para entender e conhecer um pouco mais sobre a realidade em que eles estão inseridos e quais as expectativas dos mesmos em relação à escola e ao seu futuro enquanto cidadão e o dia da família na escola que é uma atividade realizada a cada semestre pela escola e tem como objetivo aproximar a escola da comunidade através de atividades que os levem a refletir sobre o processo de educação vivenciado pelos alunos.

Com o PIBID temos a oportunidade de vivenciarmos um trabalho educativo em todas as suas etapas: planejamento, elaboração/desenvolvimento e avaliação do processo. Buscamos materiais que discutam essa temática, a fim de melhorar as

atividades que desenvolvemos nas escolas e também para enriquecer nossos estudos e que possam contribuir para nossa formação.

O impacto inicial deste projeto pode ser verificado na própria universidade, uma vez que ele trás a tona uma discussão que é negligenciada nos cursos de licenciatura; além disso, o projeto apresenta demandas específicas que acaba provocando um repensar coletivo das especificidades de um projeto que se propõe atuar na educação do campo. Portanto, o impacto maior a ser considerado, no momento, é na formação dos alunos, pois possibilita o estreitamento da relação teoria-prática de forma significativa e formativa.

Sob nosso ponto de vista, pautar essa temática é de extrema relevância ao processo de formação dos alunos das licenciaturas. Os licenciandos estão vivenciando um processo educativo/formativo impar e sem dúvida nenhuma terão condições de desenvolver uma práxis pedagógica coerente com as demandas das escolas que futuramente irão atuar.